

# OS LIMIANOS NA GRANDE GUERRA

## CENTENÁRIO DA I GUERRA MUNDIAL (1914-2014)



José Mendes Ribeiro Norton de Matos nasceu na vila da Ponte de Lima, em 23 de Março de 1867.

Desempenhou, durante a I Guerra Mundial, um papel preponderante, na qualidade de Governador-Geral de Angola (1912-1915), de Ministro das Colónias (1915) e essencialmente enquanto Ministro da Guerra (1915-1917). Desde o inicio do conflito, defendeu afincadamente a participação de Portugal na Grande Guerra que se alastrara na Europa.

Antes mesmo do inicio da guerra Norton de Matos, num comunicado ao então Ministro das Colónias, Albuquerque e Castro, prevenira sobre os designios de expansão mundial por parte da Alemanha, designadamente no que se refere à invasão das colónias portuguesas - Angola e Moçambique.

A ameaça germânica de expansão colonialista imperialista, a continuidade do ultramar português, o nosso engrandecimento e prosperidade, para a continuação da nossa benéfica, civilizadora e humanitária missão histórica, eram os motivos apontados por Norton de Matos para a inevitável e necessária participação de Portugal na I Guerra Mundial.



Norton de Matos parte para Angola em 16 de agosto de 1914 e desembarca em Luanda em 2 de setembro. Ainda no final desse mês parte para Moçamedes ao encontro do corpo expedicionário, que estava a chegar para ocupar e defender as fronteiras do sul de Angola.



O corpo expedicionário enviado para as colónias era constituído por 1.125 soldados que viram a ser reforçados com tropas locais, obtendo um efectivo de 12.000 homens, comandados pelo tenente-coronel Afonso Roque, futuro conde ribeirinho, que por 100 dias comandaria o exército ibérico.





**O**s exercícios preparatórios efetuados são apresentados numa grande parada no campo de Tancos, em 22 de julho de 1916 – Parada de Montalvo – a que assistiram entusiasticamente o Presidente da República, Bernardino Machado, o Ministro da Guerra, Norton de Matos, e ministros representantes das nações aliadas, pessoal das legações que os acompanhavam e missões militares convidadas.

Este esforço permitiu envidar, em Janeiro de 1917, o primeiro contingente de tropas do C.E.P., com destino à guerra europeia. A acompanhar iam Norton de Matos, Verreira do Amaral e mais alguns oficiais.

Outros contingentes, do Norte ao Sul do país, foram transportados em navios britânicos e portugueses para França até fevereiro de 1918 e por lá ficaram até março de 1919.

"Innumeráveis esses soldados a bordo do porto português, porre, sobrebar, pouco assustado, quanto armamento, raro tendo apresentado em todo séculos o autor o seu Pátria..."

Homen de fato



Devido à intensificação da guerra submarina nas nossas águas e ao ataque submarino alemão ao porto do Funchal, no Início de dezembro de 1916, o Governo apressou as primeiras expedições, como forma de protesto contra a frota germânica que poderia apoderar-se de ilhas do nosso arquipélago no Atlântico.



#### ESCOLA DE GUERRA



**F**oi nesse ambiente que em 13 de dezembro de 1916, em Tomar, em vésperas do embarque do C.E.P. para França, rebentou um movimento contra o Governo da União Sagrada, com o objetivo último de derrubar o governo devido à sua política beligerante.

A frente da revolta estava Machado dos Santos, utilizando os militares de Infantaria 15 que em breve embarcaram para França.

O movimento acaba debelado pelo General Fernando Camagnini, da confiança de Norton de Matos, Ministro da Guerra, e, simultaneamente, Comandante das 5<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> Divisões e da Divisão de Instrução Reforçada.

Apesar da ordem ter sido rapidamente reposta, o movimento era um claro aviso da insatisfação no seio das forças armadas o que em muito desprestigiava Portugal e acentuava as hesitações dos Ingleses quanto às capacidades do nosso exército.

Para o Presidente do Ministério, António José de Almeida, e para o Ministro da Guerra, Norton de Matos (que contava com o apoio da Loja Maçônica Vulcano), o esforço de Cancos não podia sair gorado, como tal era necessário colocar o maior número de tropas no terreno e o mais rapidamente possível – apesar de mal instruída, mal equipadas e desmotivadas – para garantir a Portugal uma cadeira à mesa das negociações de paz no pós-guerra.





falta de géneros essenciais, como pão, carne, papel, carvão e outros produtos de uso corrente, que atingia todas as classes sociais, bem como a morte de muitos soldados nas trincheiras da Flandres, conduziu à diminuição do prestígio do Partido Democrático, a quem cabia a maior responsabilidade pela participação na I Guerra Mundial, e do Ministério da União Sagrada, por ter esquecido as condições dos habitantes vergados ao peso das contribuições de guerra.



O Ministério de Afonso Costa, com Morton de Matos na pasta da Guerra, esteve em funções de 25 de abril a 8 de dezembro de 1917, com o principal objetivo de resolver o abastecimento de géneros de primeira necessidade. Não obstante essas intenções, cresceu o ódio contra Morton de Matos devido a publicação da lei das demissões, elaborada por este, cujo intuito era punir os oficiais e os sargentos que perpetraram o movimento de 16 de dezembro.

Foram movidos todos os esforços possíveis por parte de Afonso Costa, Augusto Soares e Morton de Matos para transformar o Corpo Expedicionário em Corpo do Exército, com o intuito de libertar Portugal da subalternidade em relação ao exército inglês. Contudo, tal nunca sucedeu devido às reservas da Inglaterra relativamente à pretensão portuguesa e pela ideia depreciativa que tinha do nosso exército, pelo que consideravam a sua diluição em unidades do exército britânico.

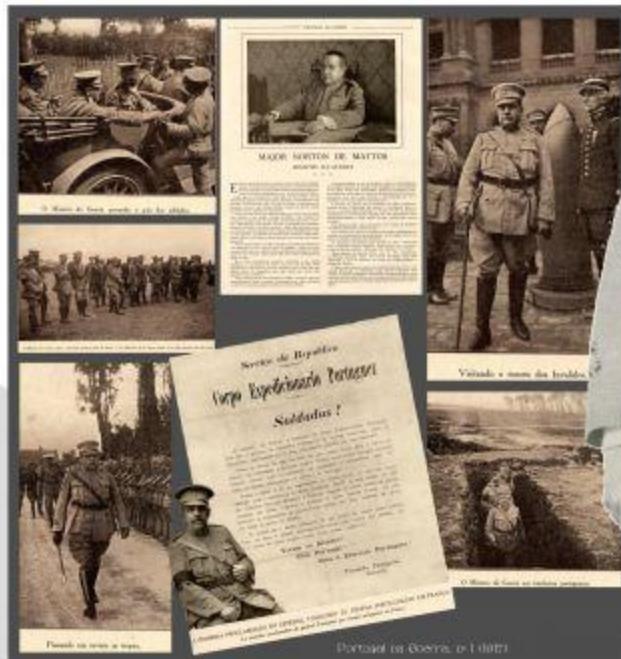


**N**a sequência da humilhante denegação dos ingleses em fornecer os navios necessários para formar o Corpo do Exército Português, Morton de Mattos dirigiu-se pessoalmente a Londres, acompanhado pelo chefe do Estado Maior, Tenente-Coronel Roberto Batista, e por membros do C.E.P., onde é recebido pelo rei Jorge V de quem recebe a Grã-Cruz da Ordem de São Miguel e São Jorge, que lhe concede o direito ao tratamento de Sir.

Em maio de 1917 o Ministro Morton de Mattos, segue de Londres para França, onde visita a frente de combate. No mês seguinte era a vez de Afonso Costa e do ministro da Guerra Interino, major Ilímoso Guerra, assim como do general Pereira de Eca, Governador Militar de Elaboa, fazerem idêntica visita ao C.E.P.

Em Paris, Morton de Mattos recebe do Ministro da Guerra francesa, o grau de Grande Oficial da Legião de Honra.

Contudo, lamentavelmente o Ministro da Guerra britânico, Lord Derby, acabaria por recuar em tudo o que tinha acordado pessoalmente com Morton de Mattos, durante a sua visita a Londres, acabando por retirar os navios a Portugal, destinados ao transporte do C.E.P.



Portugal no Governo, o 100º



Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL - PORTUGAL NO GUERRA



 Inverno de 1917 foi particularmente duro para os soldados portugueses, que recebiam com frequência agasalhos, café, lenha, aguardente, para melhor suportarem os rigores do clima francês.

No final de outubro contavam-se já 258 mortos em combate e 94 por doença ou desastre. Os feridos eram tratados em hospitais do C.E.P., por diligência da Cruzada das Mulheres Portuguesas, que tiveram a maior abnegação para com os compatriotas vítimas de gases e/ou mutilados.

A Cruzada das Mulheres Portuguesas (1916-1938), da qual faziam parte D. Ester e D. Rita, mulher e filha de Norton de Matos (caelas fundadoras), tinha por finalidade dispensar apoio moral e material aos combatentes Portugueses, fazer o possível pela boa e profícua hospitalização dos combatentes feridos ou doentes e, ainda, montar um Centro de Reeducação Profissional para os Invalidos da guerra.



Centro Espiritualizador Português (CEP)

C E P	Exercício de Infância n.º 11	Avózinh
	Exercício de Infância n.º 10	Pereirinha
	Exercício de Infância n.º 9	Flávia de Paiva
	Exercício de Infância n.º 8	Mariazinha
C E P	Exercício de Infância n.º 7	Lurda
	Exercício de Infância n.º 6	Amélia
	Exercício de Infância n.º 5	Adélia
	Exercício de Infância n.º 4	Leonor
C E P	Exercício de Infância n.º 3	Dionísia
	Exercício de Infância n.º 2	Ólivia
	Exercício de Infância n.º 1	Zelina
	Exercício de Infância n.º 0	Maria da Conceição
C E P	Exercício de Infância n.º 9	Bela
	Exercício de Infância n.º 8	Amélia
	Exercício de Infância n.º 7	Adélia
	Exercício de Infância n.º 6	Leonor
C E P	Exercício de Infância n.º 5	Fátima
	Exercício de Infância n.º 4	Flávia de Paiva
	Exercício de Infância n.º 3	Amélia
	Exercício de Infância n.º 2	Adélia
C E P	Exercício de Infância n.º 1	Zelina
	Exercício de Infância n.º 0	Maria da Conceição
	Exercício de Infância n.º 9	Bela
	Exercício de Infância n.º 8	Amélia
C E P	Exercício de Infância n.º 7	Adélia
	Exercício de Infância n.º 6	Leonor
	Exercício de Infância n.º 5	Fátima
	Exercício de Infância n.º 4	Flávia de Paiva
C E P	Exercício de Infância n.º 3	Amélia
	Exercício de Infância n.º 2	Adélia
	Exercício de Infância n.º 1	Zelina
	Exercício de Infância n.º 0	Maria da Conceição

Cruzada das Mulheres Portuguesas

Centro Espiritualizador Português



**N**o dia 9 de abril de 1918 o país é sobressaltado com a notícia de que uma parte do C.E.P. sofrera uma terrível derrota na Batalha de La Fusa, com centenas de mortos, bastantes feridos e outros capturados. No prazo de apenas algumas horas a 2ª divisão do C.E.P. do comando do general Gomes da Costa, da qual faziam parte a Brigada do Minho, deixou de existir.



Bandera oferecida à Brigada do Minho, especialmente bordada por senhoras de Viana do Castelo, incluindo a filha do coronel Adolfo Almeida Barros e a esposa do capitão Luís Gonzaga do Corrêa Pereira Ribeiro.

Tratou-se de uma luta desigual, dado que a artilharia inimiga era formidável e de uma superioridade numérica dez vezes maior. Perante a destruição da 2ª Divisão e a impossibilidade de renunciamento, os inimigos foram recebidos a baloneta.

Mas, apesar da bravura, foram rapidamente vencidos. Os batalhões foram assim envolvidos, cortados, despedaçados, postos fora de combate e aniquilados.



A divisão foi abatida, porque era humanamente impossível vencer, mas aguentou-se honrosa e gloriosamente durante oito horas sob o mais violento bombardeamento. As perdas totalizaram 327 oficiais e 7.098 praças, cerca de 35% dos efetivos da divisão. Foi o fim da guerra para os Portugueses. O C.E.P. destrocado foi removido para a retaguarda dos exércitos aliados.

"Batalhas sara, mas batalhas com glória e com honra."

Gomes da Costa

#### Bandera do Batalhão

O que em todos os documentos oficiais a 4ª Brigada de Infanteria do C.E.P. selet designado por *Brigada do Batalhão*, correspondendo este destinado ao seu recrutamento principal e a um aumento dos oficiais e praças que constituiram esta Bandera, e consagrando o heroísmo e valor com que combateram na batalha de 9 de abril.

O que a *Brigada do Batalhão* seis entretenha a Bandera, oferecida por uma comissão de senhoras do Batalhão.

O que as tropas da 2ª Divisão se encontrem em parada amanhã 28 de maio de 1918, às 17 horas, para a entrega solene da Bandera da *Brigada do Batalhão*.



II) Bandera, o Batalhão era sua consta  
Seu nome honrado entre os nossos ricos  
E seu nome, que acorreu de sete, a violência  
Pois quanto Batalhões, « todos como frutos  
Cedo ou mais tarde » vai de aeroporto de nata  
[...]

« Amei a Bandera do Batalhão  
Mais, não só por  
que é Batalhão »





hegaram a Lisboa, no dia 16 de abril de 1918, dois navios com 1.120 oficiais, sargentos, cabos e soldados vindos de França, muitos deles ainda feridos e adoentados.

Nunca gesto que muito impressionou a população. Sidónio Pais foi saudá-los a bordo e por eles envolvidos numa manifestação de apreço.

Integravam a Brigada do Minho soldados oriundos de Ponte de Lima, alguns dos quais morreram, outros ficaram feridos e outros foram feitos prisioneiros nos campos alemães de *Friedrichsfeld*, *Münster*, *Rastatt* e *Breesen*.

Soldados limianos mortos na Batalha de La Lys:

Adelino de Sousa (Beiral do Lima); António de São Leões (Moreira do Lima); Francisco de Sousa (Beiral do Lima); Manuel Fernandes (Ponte de Lima).

Soldados limianos desaparecidos ou feitos prisioneiros de guerra:

Sargento António Alves Martins (Ponte de Lima) – prisioneiro de guerra no campo de *Münster*; António Rodrigues Armada (Ribeira); Fernando Gonçalves Movo (Ponte de Lima); Gaspar António Lima (Areozelo) – ferido em combate em 24 de setembro de 1917; José Gomes (Gondufe) – prisioneiro de guerra no campo de *Münster*; Alferes José Pereira Sumavieira (Ponte de Lima); Manuel da Costa, o Nicolau (Brandara) – prisioneiro de guerra no campo de *Friedrichsfeld*; Sargento Paulo Rodrigues de Moraes (Ponte de Lima) – prisioneiro de guerra no campo de *Friedrichsfeld*, faleceu em 1973, em Miragala, com 84 anos.

O Soldado Manuel da Costa, o Nicolau e o Sargento António Alves Martins voltaram a Portugal no navio *North West Miller*.





Alfredo José Fernández Sánchez



DA ASSISTÊNCIA PÚBLICA, E ASSIM, RECONHECER NA CAPITULADA DA ALIANÇA  
ESTADUAL VENCIDA PELO GOVERNO FEDERAL, E DIA  
22 DE MARÇO DE 1964.

SE CONCORDANDO COM A CRÍTICA DE GOMES DA IN-  
TEGRALIDADE, O CÓDIGO DE DEFESA DO CONSUMIDOR  
DEVE SER MELHORADO, COMO, POR EXEMPLO,  
ESTÁ NA PROPOSTA DE LEI DE 1968.

LEIA, ENTRETANTO, AS INFORMAÇÕES DA VIDA ANTIGA  
DESSA INSTITUIÇÃO.

**S**oldados ilmãos heróis e mártires que continuaram a viver depois da guerra:

Capitão Alfredo Fernandes de Oliveira (Ponte de Lima); os Alferes João do Nascimento Pereira (Ribeira); José Pereira Sumaviele (Ponte de Lima); os Sargentos Abellard Rodrigues de Moraes (Ponte de Lima); Antônio Alves Martins (Ponte de Lima); Luís da Costa Lima Guimarães (Ponte de Lima); Paulo Rodrigues de Moraes (Ponte de Lima); os Cabos Antônio Carnelio de Sá (Ponte de Lima); Bento Gonçalves de Sousa (Polares); José Caetano da Cunha Pereira Leões (Moreira); Luís Antônio Velho (Moreira); os soldados Antônio Amorim (Calvelo), Antônio Rodrigues Armada (Ribeira), Antônio da Silva (Ribeira), Antônio Vieira Duarte (Ribeira); Avelino Rodrigues (Cornelos); Cláudino Araújo (Miaestelas); Fernando Gonçalves Movo (Ponte de Lima); Francisco Antônio Pereira Dantas (Moreira) - foi ferido em combate em 30 de setembro de 1917 e foi dado como incapaz para o serviço ativo; Gaspar Antônio Lima (Areozelo); Henrique da Silva Dias (Freixo); João Luís Rodrigues (Estorões); Joaquim Martins de Barros, o Joaquinzinho do Codecedo (Ribeira); José Gomes (Gondufe); José Soares Moraes (Ribeira); Manuel da Costa, o Nicolau (Brândara); Manuel Gonçalves Gomes (Areozelo), entre muitos outros.



[www.sagepub.com/journals](http://www.sagepub.com/journals)



ANSWER



[View all reviews](#) | [Write a review](#)



• PB. (Brésil) de ministre do  
Exército da Infanteria n.º 3.  
(De 16-18 respectivel)  
José Cantídio da Costa Menino Lamego  
(Ministro do Exército)



卷之三



第10章 Python基础



Editorial Team: Dr. T. S. Venkatesan

*Emilia*  
Quando fui a casa de minha pa-  
ra ver se havia novas notícias  
sobre o meu querido marido.  
Meu coração bateu forte.  
Ela levou-me para o quarto  
e disse: "Odeio quando  
o seu marido volta, é  
que o seu marido voltou".  
*Emilia*

**M**uitos foram também aqueles que ficaram sepultados no cemitério de Richebourg (Pas-de-Calais);

Os soldados António Coelho (Rebordões Souto); António Rodrigues (Refolios); Francisco Gonçalves (Beiral); João Amaral (Vitorino dos Piões); João António Gomes (Santa Cruz); João Pereira da Rosa (Freixo); João Matosinho Rodrigues (Bertlandos); José Barbosa (Gondufe); José Barbosa de Castro (Freixo); Manuel Fernandes (Freixo); Manuel Fernandes (Ponte de Lima); Manuel de Lima (Rebordões Santa Maria); Porfirio Manuel Alves (Cabração); os cabos João Luis Fiuza (Estorãos); José Carlos Ferreira (Polares).

Entre outros que também não regressaram com vida à terra natal: Abilio Vagundes (Vilar das Almas); António Dantas (Santa Cruz); Manuel Gonçalves Gomes (Ponte de Lima) - Valeceu a 18 de março de 1918 e foi sepultado no cemitério de Laventie.

ECOS DA GRANDE GUERRA NA IMPRENSA LIMAÑA

This block contains a dense collage of historical newspaper clippings from two editions of the newspaper 'Janta Patriótica do Boticá'. The top section is from the 1917 edition, and the bottom section is from the 1918 edition. The clippings are arranged in a grid-like fashion, overlapping each other. The topics covered include editorials, news, and specific columns like 'O Anúncio' and 'Brigada do Minho'. The text is in Portuguese and discusses various aspects of the time, including the First World War and national politics.

**A**pós os ataques do destacamento português às forças alemãs que tinham penetrado em território nacional, com o fim evidente de fazer a ligação militar entre forças do Sudoeste Africano e os numerosos elementos de nacionalidade alemã que se encontravam em Angola, deu-se a retaliação com um verdadeiro massacre no posto português do Cuangar.

Depois disso, na zona de Maullila, as tropas de Rocadas são atacadas, infligindo-lhes uma pesada e vergonhosa derrota.

A esse acontecimento, ocorrido em 19 de outubro de 1914, e que ficou conhecido como *Incidente de Maullila*, sucederam-se revoltas indígenas.

Entre 1913 e 1914 assiste-se a uma gradual deterioração da situação política, devida à fraqueza das instituições republicanas, e ao acentuar das divergências no seio dos republicanos. Tais divergências foram agravadas por diferentes posicionamentos face ao papel a desempenhar por Portugal na guerra, o que conduziu a sucessivas mudanças de governo. Designadamente Morton de Matos, importante figura do Partido Democrático, assumia uma posição contrária ao General Joaquim Pimenta de Castro que se opunha claramente à entrada de Portugal na Guerra.



Estrada Portuguesa, 1915 (000)

### O combate de Naulila

Retirada dos soldados portugueses na Lunda Sul, após a batalha de Naulila

1.º Regimento de Dragões de Chaves, chegado ao Lunda Sul, após a batalha de Naulila

"Talvez interessante esclarecer este episódio histórico. Quando o governo das revoltas de 1914-1915 iniciou a sua luta, abdicando do seu mandato, que era destruir o Império, não houve ali tropas. Ribeira de Oliveira, da Encyclopédie, vol. II, p. 99.

Estrada Portuguesa, 1915 (000)



José de Matos (1865-1932)

Centro de Informações e BIBLIOTECA DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE GAIA - MORTON DE MATOS

EST. PORTUGAL, 1915 (000) - 10 de setembro de 1915, fornecido juntamente com o desenho das Revoluções de 1914-1915.

Ver também a documentação sobre as revoluções de 1914-1915.

EST. PORTUGAL, 1915 (000) - 14 de outubro de 1915, fornecido juntamente com o desenho das Revoluções de 1914-1915.

Descontente e revoltado com o governo de Pimenta de Castro, Morton de Matos defende a necessidade de derrubar o mesmo e de abrir caminho para a participação de Portugal na guerra, o que viria a concretizar-se com a criação do Movimento Popular a que se deu o nome de "14 de maio de 1915" e que derrubou a ditadura de Pimenta de Castro.

Morton de Matos integrava a Junta Revolucionária juntamente com outros oficiais e civis atletos ao Partido Democrático: os comandantes Jaime Leote do Rego e Freitas Ribeiro, o maior São João, o capitão Alvaro de Castro e o engenheiro António Maria da Silva.



Enquanto Ministro da Guerra, e perante a humilhação e ultraje do Ministro Inglês face ao manifesto desejoso português de entrar com forças combatentes na guerra, Norton de Matos dá Início à concessão de um Corpo de Exército Português, digno de Portugal e capaz de entrar na guerra e, ainda, de alinhar ao lado das tropas Inglesas e francesas contra a Alemanha. Representaria, desta forma, "a igualdade perfeita moral e material, indispensável para a constituição de uma sólida e prestigiosa aliança". Contudo, defronta-se com inúmeras limitações, dado que era impossível vestir e equipar esses soldados com os nossos próprios recursos; reunir os meios de transporte com viaturas hipomóveis; obter espingardas iguais às dos grandes exércitos em que nos incorporassermos; a rápida compra de granadas de mão, de morteiros de trincheiras, de máscaras antigases; eriar os tão complexos serviços sanitários que um exército ou uma divisão exigiam.

Perante esta dura realidade, determinou-se o recenseamento e a mobilização de todos os meios de transportes e fabricaram-se veículos hipomóveis para serviços de campanha em todas as fábricas e oficinas de especialidades.

Toda a nossa pobre indústria de então principiava a trabalhar na produção de equipamentos e de armamentos do exército. Fizeram-se verdadeiros milagres dado que em poucos meses uma fábrica portuguesa de fundição estava a produzir granadas e peças de artilharia de dois calibres diferentes para o exército francês.



Defesa, erozão de 1916, um artigo inserido no Almanaque das Ciências, tal como necessário em tempo de guerra, quando se realizavam demonstrações militares, salientando a importância da preparação da guerra.

Ilustração Portuguesa, 26.06.1916.



MAJOR NORTON DE MATOS  
Militar Af-Gumbe

**E**ste é o retrato do Major Norton de Matos, que é o chefe da missão portuguesa que está aí, no Afeganistão, para auxiliar o governo local. Ele é um homem de grande experiência militar, tendo servido em muitas campanhas ao longo da sua carreira. Ele é um homem de grande honra e lealdade, sempre pronto a servir o seu país e os seus amigos.



Ilustração Portuguesa, 01.08.1916 e 02.08.1916, 100.º Aniversário



**I**nvincida a aliança por parte da Inglaterra e declarada a guerra pela Alemanha - em 9 de março de 1916, por meio da insolente carta do representante alemão em Lisboa - abre-se o caminho para a preparação das forças a enviar para a Flandres e para a participação ativa de Portugal no teatro da guerra.

Ainda em março de 1916, após a demissão de Afonso Costa, formou-se o Governo que ficou conhecido como União Sagrada, que ocupou o poder entre 16 de março de 1916 a 25 de abril de 1917. Do elenco, presidido por António José de Almada, faziam parte, entre outros, o major Morton de Matos, com a pasta da Guerra.

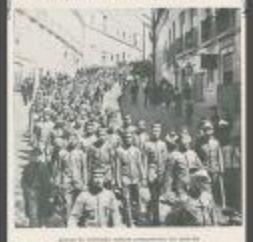
Todo o país aderiu com maior ou menor vibração ao projeto da União Sagrada, formando-se Juntas patrióticas em muitas terras, tal como a Junta Patriótica do Norte.

Vel durante esse período que o Ministro da Guerra, Morton de Matos, tomou providências para organizar o corpo expedicionário com destino à França. Instalou-se em Tancos e ali organizou, em pouco tempo, a instrução militar, o material de combate e os apetrechos necessários para a nossa participação na guerra.

A sua ação, que passou a ser reconhecida por *Milagre de Tancos*, permitiu o envio para França, a partir do inicio de 1917, das primeiras tropas do Corpo Expedicionário Português (C.E.P.). cujo comando foi inicialmente confiado aos generais Fernando Camagnini de Abreu e Silva Camagnini de Abreu e Manuel Olivelra Gomes da Costa.



#### PORTUGAL NA GUERRA



Illustração Portuguesa, nº 263 (1916)



Illustração Portuguesa, nº 261 (1916), 264, 266, 268, 269 (1916)